

Em 15 minutos, cincoanistas costuram fusão de emendas

Da Sucursal de Brasília

Uma velha máquina IBM azul, um datilógrafo inspirado pelo Planalto e "professor" de regimento legislativo, uma sala de quatro metros quadrados e dez linhas de texto. Em 15 minutos, a partir das 11h de ontem, estes ingredientes produziram a fusão das emendas Matheus Iensen (PMDB-PR) e Basílio Villani (PTB-PR) ao substitutivo do Centrão. Estava aberto o caminho não só para o presidente Sarney garantir o mandato de cinco anos como recuperar os 74 dias que perderia com a emenda Iensen.

A fusão, redigida pelo deputado Bonifácio Andrada (PDS-MG) e datilografada pelo subchefe do Gabinete Civil para assuntos legislativos, Henrique Hargreaves, contou com o último obstáculo imposto pelos quatroanistas à votação do mandato. As 9h, do gabinete do líder do governo na Câmara, Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), Hargreaves telefonou para Sarney com uma notícia ruim: o deputado Ulysses Guimarães considerava a emenda Iensen aditiva ao texto, e portanto só poderia ser votada ao final das Disposições Transitórias. "O presidente ficou perplexo", disse Hargreaves.

Sant'Anna, Iensen, Ricardo Fiúza (PFL-PE), Andrada e outros líderes do

Centrão foram ao gabinete de Ulysses e saíram desanimados. Israel Pinheiro Filho (PMDB-MG), que acompanhou a reunião, procurou Hargreaves para mostrar que Ulysses poderia mudar de ideia diante de uma fusão de emendas: "A emenda do Basílio é substitutiva e pode servir". Hargreaves captou a dica, levou Israel e sua sugestão até Lourenço e recebeu sinal verde para, com Bonifácio de Andrada, costurar a fusão das emendas. A emenda Villani era substitutiva ao artigo 3º do Centrão, que marcava eleições municipais para 15 de novembro de 89, com posse dos eleitos em 15 de março de 1990.

Hargreaves sentou-se em frente à máquina na saleta vizinha à copa do gabinete. Andrada ditava o texto a seu lado. "Ainda tenho uma dúvida", ponderou Hargreaves. "Podemos fundir uma emenda coletiva (a de Iensen) com uma individual?" Quem respondeu que sim foi José Lins (PFL-CE), que chegou junto com Fiúza e o senador Marcondes Gadelha (PFL-PB). "Então, tá resolvido", decidiu o assessor do Planalto.

Chegam Matheus Iensen e Sant'Anna. O líder do governo, por fora da articulação, leva a mão à cabeça. "In... esse negócio de fusão vai atrapalhar tudo." Fiúza o corrige: "Não, Carlinhos, se ela cair, a emenda Iensen

volta a ter preferência." Hargreaves joga fora a primeira redação a conselho de Andrada: "Você não pode colocar o nome do Basílio na frente, tem que ser o do Matheus, que está mais em evidência." Novo papel é datilografado, com o nome de Iensen encabeçando a fusão.

Tato com Ulysses

Aprovado o texto, mais de dez pessoas na saleta apertada, começa a discussão sobre como entregá-lo a Ulysses. "É preciso ter cuidado para não criar confusão, vamos a ele com tato", avisa Hargreaves. "É, o homem é um poço de vaidade, tem que ser um grupo pequeno e falando manso", concorda Fiúza. "Melhor dizer a ele que essa é uma proposta de solução do impasse", sugere Hargreaves novamente.

Alguém se lembra de chamar Basílio Villani, dono da emenda original e até ali ausente da discussão. É Benito Gama (PFL-BA) quem vai capturar Villani perambulando pelo plenário. Villani não vacila em assinar o texto, mas faz uma observação: "O que é que eu vou responder quando me perguntarem o que eu assinei?" Fiúza responde: "Diz que assinou uma fusão e ponto final." Uma pequena comitiva rumou para o gabinete de Ulysses, enquanto Hargreaves corre ao telefone para dar notícias ao Planalto.

Ao bater o olho no texto, na ante-sala de Ulysses, o secretário-geral da Mesa, Paulo Afonso, ameaça não entregá-lo ao chefe: "Estava combinado que não



Henrique Hargreaves (esq.), Ricardo Fiúza e Bonifácio de Andrada articulando o acordo que resultou na fusão.

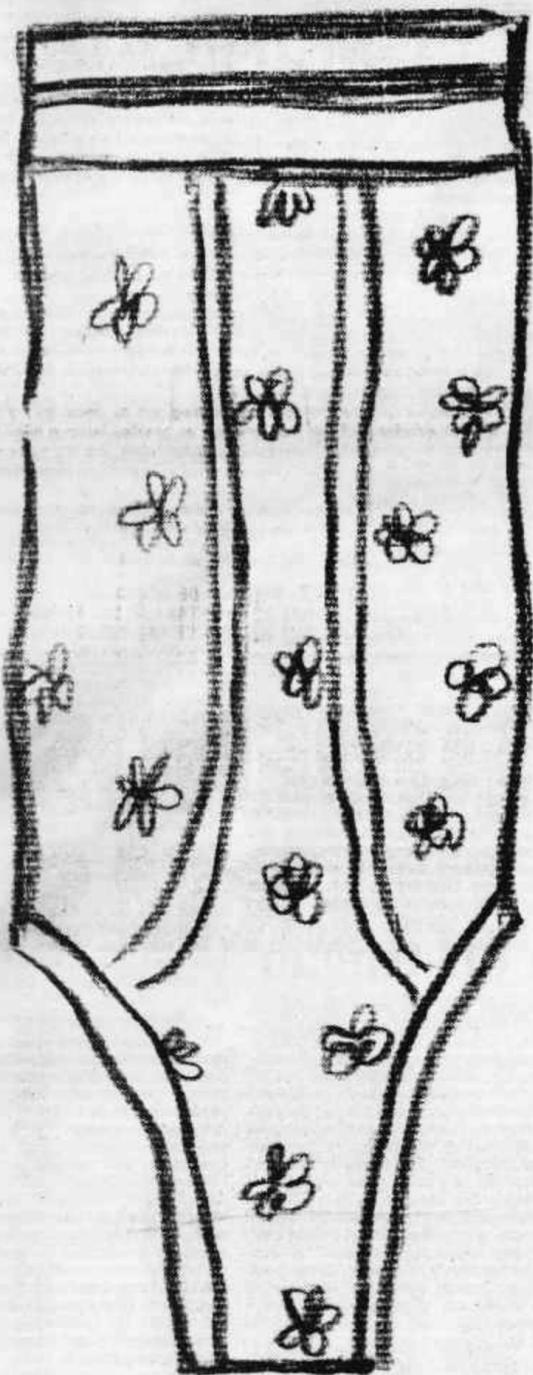
podia entrar nada de mandato nas emendas que não tratam do assunto." Ricardo Fiúza fala mais alto: "Isso é uma questão política, você deve cuidar somente de assuntos técnicos." Andrada cochicha palavras amáveis ao

ouvido de Paulo Afonso, que entra na sala de Ulysses e sai minutos depois fazendo o sinal de positivo com o polegar.

A notícia chega ao gabinete de Lourenço às 11h20 e desperta Basílio

Villani para a importância do papel que desempenhou involuntariamente. "Quer dizer que a minha emendinha salvou a pátria?" E arremata: "Atirei numa codorna e acertei num elefante." (Ricardo Amaral)

PRESENTES QUE ENCHEM O SACO



No dia dos Namorados, dê uma assinatura da Folha de S. Paulo. Um presente agradável, que vai fazer o seu amor receber boas notícias, todos os dias.

PARA DAR ESSE PRESENTE É SÓ LIGAR

• Capital de S. Paulo disque

221-2077

Promoção válida apenas para a Grande São Paulo.

Deputado iniciante dá mais 74 dias a Sarney

Da Sucursal de Brasília

Depois do presidente José Sarney, que ganhou um mandato de cinco anos na sessão de ontem do Congresso constituinte, ninguém tinha mais motivos para comemorar que o deputado Basílio Villani (PTB-PR). Parlamentar de primeiro mandato, Villani ganhou de presente a notoriedade de ter sido co-autor da fusão de emendas que permitiu a votação do mandato rompendo a obstrução regimental que vinha sendo orquestrada pela esquerda do PMDB.

Certo de que Sarney teria os cinco anos, Villani havia apresentado uma emenda, marcando para 15 de novembro de 1989, junto com a eleição do próximo presidente, eleições para prefeitos e vereadores. "Eu só queria adiar as municipais, mas não tinha esperança de que minha emenda fosse aprovada". Subtraída a parte referente às eleições municipais, a emenda Villani acabou servindo de "cavalo" para a emenda Matheus Iensen (PMDB-PR), por artes da redação do deputado mineiro Bonifácio Andrada (PDS) e do subchefe do Gabinete Civil para assuntos legislativos, Henrique Hargreaves.

Fica posse do presidente

Não serviu para adiar as eleições deste ano, mas acabou devolvendo a Sarney 74 dias de mandato. Se aprovada a emenda Iensen original, o mandato de Sarney terminaria em 1º de janeiro de 1990. Da emenda Villani aproveitou-se porém a data da posse do futuro presidente, em 15 de março de 1990. "Ficou melhor ainda", comemorou o deputado.

Antes de ganhar mais de 60 mil votos em 1986, Villani tinha apenas uma experiência em eleições: para presidente da Associação dos Funcionários do Bamerindus, que venceu. Com a retaguarda do banco paranaense, do qual é diretor licenciado, Villani foi o 11º deputado mais votado em seu Estado. Seu lema de campanha foi "emprestar ao Legislativo a experiência gerencial".

Legislativo melhor

"É chato reconhecer isso, mas acho que o Legislativo precisa melhorar do ponto de vista da eficiência administrativa", diz o deputado. Foi essa "experiência administrativa" que Villani, especialista em organização e métodos, emprestou ao Centrão, grupo político conservador ao qual se aliou no primeiro momento. Suas propostas o transformaram em secretário-geral do grupo.

Foi de Villani a ideia de subordinar o Centrão a coordenadorias independentes, uma de mobilização, outra de atuação em plenário e uma terceira de discussão temática. Foi o organograma que deu origem ao lema do Centrão — "Um milagre de engenharia política, sem líderes mas com organizadores".

Macaços e galhos

Villani tem um lema mais simples do que o do agrupamento multipartidário: "Cada macaco no seu galho". Ou seja, definidas as áreas de atuação, restou distribuir os membros do grupo de acordo com suas aptidões. "Foi assim que o José Lins (PFL-CE) virou coordenador temático, porque entende muito de regimento, e o Dado Coimbra (PMDB-RJ), que conhece muita gente, virou coordenador de mobilização", explica o deputado paranaense.

Apanhado de surpresa pelo deputado Benito Gama (PFL-BA), que foi chamado ao plenário para assinar o texto da fusão, Villani assinou sem ler. "Eu não sabia exatamente como ficaria o texto final", admitiu mais tarde, "mas tinha certeza de que servia aos objetivos do grupo". Guindado pelo acaso à posição de co-autor da emenda vitoriosa e brindado com súbita notoriedade, Basílio Villani só tinha uma frase para se definir: "Eu sou um homem de sorte".

Da Sucursal de Brasília



Basílio Villani (PMDB-PR), no centro, de óculos, ladeado pelos deputados Ricardo Fiúza (dir.) e Carlos Sant'Anna (esq.).

Andrada é o "Bakunin" da Constituinte

Da Sucursal de Brasília

A terceira assinatura na fusão das emendas que deu os cinco anos para Sarney, do deputado Bonifácio de Andrada, tinha dois bons motivos para estar lá, embora o dono do autógrafo minimize sua participação: "Meu nome só entrou porque, como primeiro signatário do substitutivo do Centrão, todas as fusões ao nosso texto têm que ter a minha assinatura." O outro motivo é que Andrada, em parceria com o subchefe do Gabinete Civil, Henrique Hargreaves, foi o relator da fusão.

"Eu e o Hargreaves trabalhamos de ouvido, porque nos conhecemos desde que ele foi assessor do papai (o ex-deputado José "Zezinho" Bonifácio, líder do governo Geisel, morto há dois anos), mas o pessoal aqui na Câmara só ouve os meus palpites quando o Hargreaves concorda comigo", diz. Bom conhecedor do regimento interno, "Andradinha", como é chamado, é tão rigoroso em suas posições, mesmo quando elas favorecem a esquerda, que foi apelidado de "Bakunin de Andrada", por ter-se aliado aos pequenos partidos na discussão do regimento interno.

Na política mineira, Bonifácio de Andrada faz parte de uma espécie em extinção, a dos políticos do PDS, partido que só elegeu três deputados em 88, mesmo número do PT. Mas no Congresso ele representa a sobrevivência da mais longa dinastia de parlamentares brasileiros, a família Andrada, que participa do legislativo desde 1821, quase ininterruptamente. Desde Antônio Carlos de Andrada Machado e Silva até Andrada são cinco gerações de Andradas no Parlamento.

Em seu terceiro mandato, Bonifácio de Andrada estava mais entusiasmado com a aprovação da emenda Cunha Bueno do que com a vitória dos cinco anos para Sarney. A emenda de Bueno (PDS-SP) marcou para 1993 um plebiscito que escolherá se a forma de governo no Brasil será a Monarquia ou a República. "A família sempre foi republicana, mas gostaríamos de ver a República proclamada pelo voto."

Ele chamou a um canto um assessor do Ministério da Marinha para confirmar uma coincidência histórica: "Veja se não estou certo,

comandante. Em 1893 o governo republicano sufocou, com ajuda dos Estados Unidos, a revolta da armada, chefiada pelo almirante Saldanha da Gama. Era uma revolta monarquista e cem anos depois o plebiscito vai reabilitar a reivindicação dos revoltosos." O comandante concordou.

Israel Pinheiro

Outro mineiro que merecia ter o nome assinado embaixo da fusão de emendas é o deputado Israel Pinheiro Filho (PMDB-MG). Descendente de uma família de longa tradição política, como a de Andrada, porém rival (os Andrada na UDN e os Pinheiro no PSD), "Israelzinho" apontou o "caminho das pedras" para os cincoanistas. Quando o Centrão se convenceu de que Ulysses Guimarães não permitiria a votação da emenda Matheus Iensen em sua forma original, foi Israel quem sugeriu a fusão. Mais ainda: mostrou que a emenda Villani se prestava ao artifício. "De vez em quando esse gajo tem umas ideias muito boas", reconheceu o líder do PFL, José Lourenço.

"Deus nos ouviu", diz Iensen após votação

Da Sucursal de Brasília

Como faz todas as manhãs, também ontem o deputado Matheus Iensen (PMDB-PR) despertou às 6h30 e foi direto para a "caixinha de promessas". Crenças da Assembleia de Deus, como ele, colecionam em caixinhas versículos bíblicos para meditação. De seu realejo evangélico, Iensen retirou uma citação de João: "Se lhe pedimos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve." Quando foi concluída a fusão que viabilizaria a votação do mandato, Iensen comentou: "Tenho certeza que ele nos ouviu."

Paranaense, 51 anos, o autor da emenda que marca eleições presidenciais para 15 de novembro de 1989 é crente desde os cinco anos de idade. Virou deputado em 86, depois de fracassar numa tentativa de se eleger vereador por Curitiba e deputado estadual no Paraná. A primeira tentativa, pelo MDB, a segunda pelo PDS.

Com a linguagem bronca de quem foi desbravador do norte de seu Estado, Iensen comemora uma vitória pessoal: "Quando eu fiz a emenda, o pessoal disseram que eu tava louco, que eu tava tendo visagem. Agora todo mundo viram que eu tinha razão."

Iensen se vangloria de ter sido "o primeiro que calculou que essa Constituinte não ficava pronta antes de setembro", argumento que sustenta a tese da inviabilidade de eleições presidenciais esse ano. "Eleição sai muito caro, é um



Deputado Matheus Iensen (PMDB-PR)

horror de cabo eleitoral pra contratar e isso é dinheiro que não volta, ia avacalhar com o país se fosse esse ano", explica.

Música e votos

Pelas ondas médias (730 MHz) e curtas (9.665 KHz) de sua rádio Marumbi, com emissoras em Curitiba (PR) e Florianópolis (SC), Iensen espalha música e colhe votos. Ambos, evangélicos. Ele adquiriu as emissoras há dez anos para transmitir seu programa "Musical Evangélico" e ganhou fama entre os fiéis de sua Igreja. "Eu fui eleito o cantor sacro mais preferido do Brasil, através das cartas dos ouvintes", vangloria-se.

A voz de Iensen, registrada em 29 eléps e seis compactos, vaga por

uma região indefinida entre o tenor e o barítono. Seus discos, lançados por selo próprio, não trazem indicados os nomes dos compositores. Talvez porque algumas músicas sejam mal-dissimulados plágios de canções que fizeram sucesso. Como "Subindo o Sol", de seu último disco ("25 anos Louvando ao Senhor"), que persegue os acordes da música-tema do filme "The House of the Rising Sun".

"A música ajuda na política, porque a gente fica mais conhecido do povo", reconhece Iensen. "Mas eu não tive voto só de crente não, tive voto até de freira católica, porque a minha mensagem é que conta", diz. O deputado admite porém que seu maior rebanho de eleitores frequentes os mesmos templos em que suas músicas fazem sucesso. "Eles me preferem porque está escrito — em primeiro lugar vêm os domésticos da fé".

Iensen considera a si mesmo um importante líder: "Qualquer candidato a presidente vai ter que conversar comigo, porque eu sou muito conhecido pelas ondas curtas", desafia.

Perseverança é outra característica de Iensen. Ele passou 60 dias "em tudo quanto era reunião grande", colhendo assinaturas para sua emenda, até alcançar 317.

Na sessão de anteontem, que adiou a votação do mandato, Iensen não se abalou. Pela manhã, a caixinha lhe reservava um texto encorajador: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Romanos 8:31.)